

TROPEIRISMO : **Processo civilizatório da região sul do Brasil.**

FRASSON, Antonio Carlos – UTFPR/PG / CESCAGE – ancafra@gmail.com
GOMES, Silvestre Alves – NRE-PG – cancioneirodarota@hotmail.com

A essência da vida nos idos do século XVIII no Brasil Colônia, passou por um emaranhado de situações em seus paradigmas econômicos, culturais e sociais que foram construídos e evidenciados ao longo da história brasileira. Entre esses, encontra-se o *movimento tropeirista*. Essa atividade recebeu o nome de *tropeirismo* em razão das tropas, que eram constituídas principalmente de muares para serem comercializadas em Sorocaba-SP, onde se realizavam grandes feiras desses animais, o que promovia o comércio de outros produtos, causando grande movimentação nesse povoado que rapidamente prosperava. Além das mulas, a mercadoria mais valorizada na época, os tropeiros (proprietários e/ou condutores de tropas) transportavam também gêneros alimentícios, produtos manufaturados, inclusive os importados da Europa, e também faziam intercâmbio de informações. Devido às transações comerciais de compra e venda de muares destinados ao transporte de mercadorias, realizadas nos centros urbanos que estavam em crescente formação, caso específico dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e por compreender grande movimentação no deslocamento desses rebanhos de regiões distantes, esse movimento tornou-se um importante fator de formação sócio-político-econômica das regiões que abrangeu, razão pela qual é considerado por historiadores como uma das atividades mais relevantes de nossa história. Dentre os diversos caminhos estabelecidos pela atividade tropeira na região sul do Brasil, os de maior relevância são: Caminho do Viamão, Caminho da Vacaria, Caminho das Missões e Caminho de Palmas. As reflexões que se ensejam neste artigo têm em foco o Caminho do Viamão, percorrido pelos tropeiros paulistas, principalmente, que se deslocavam até Viamão – no atual Rio Grande do Sul, para tanger tropas, principalmente de muares, até Sorocaba –Paulo. Essa rota, também conhecida como Caminho do Viamão, Caminho das Tropas, ou ainda, Estrada Real, cortava os campos de domínios português e espanhol, dos atuais Estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e São Paulo. Ao longo do percurso, do Caminho do Viamão, os pousos dos tropeiros deram origem a importantes cidades como: Viamão, Vacaria, Lages, Rio Negro, Lapa, Balsa Nova, Palmeira, Ponta Grossa, Carambeí, Castro, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Sengés, Itararé, Itapeva, Itapetininga, Sorocaba, entre outras. Assim, **objetiva-se**, neste trabalho, analisar o papel dos tropeiros, por intermédio do movimento ensejado no Paraná, o Caminho das Tropas, como suporte e referência de aspectos sociais, considerando nesse caminho ocorreu um processo de integração e desenvolvimento do estado do Paraná. Para isso, o eixo central da análise **questiona** se o movimento tropeirista pode ser considerado como uma configuração social dentro do processo civilizatório no Paraná. Para tanto, do ponto de vista **metodológico**, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa exploratória de cunho documental e bibliográfico tendo, como suporte, as obras do sociólogo Norbert Elias. Acrescente-se a isso que Elias estabelece um novo caminho para analisar a configuração da sociedade. A base para se assumir essa idéia é a de que, como já predisse Elias, quanto mais histórica a sociologia ou mais sociológica a história, mais adequada se torna uma determinada metodologia interpretativa. A **conclusão** ensejada neste trabalho conduz para o entendimento de que o movimento tropeirista, no Paraná, demonstra que, em virtude da necessidade de paradas para o descanso e de alimentar a tropa e tropeiros, originaram-se povoados, os quais foram se transformando em cidades. Este fato por si só possibilitou, de maneira gradativa, a integração entre as economias regionais e a população brasileira, constituindo-se, um dos elementos essenciais de uma estrutura organizacional que se apresenta em diversas formas de inter-relacionamentos ou entrelaçamentos sociais que permitem melhor compreensão do processo de transformação social.

Palavras-Chave: Tropeirismo – Caminho das Tropas – Processo Civilizador.

INTRODUÇÃO

O movimento tropeirista, caracterizado como um ciclo econômico de longa duração, abrangeu um período que foi desde o fim do século XVII, quando não havia estradas, apenas trilhas ou caminhos abertos pelos nativos, até as primeiras décadas do século XX, quando teve início a implantação dos meios de transportes mais modernos, como por exemplo a ferrovia.

O movimento tropeirista não apenas atendeu às necessidades de transporte de riquezas e mercadorias diversas, mas foi, comprovadamente, um movimento decisivo no processo de ocupação e integração territorial, de impacto na constituição social das populações na América Latina, a qual denominamos neste trabalho como uma configuração social dentro do processo civilizatório no Paraná.

Dentro de uma leitura estrutural funcionalista, entende-se que este movimento oportunizou aspectos positivos permeados de benefícios, como criação de povoados que acabaram se transformando em cidades, dentro de um processo de crescimento econômico e populacional, que apresenta ampla transformação, formas e inter-relacionamento no processo social.

A temática envolvendo o tropeirismo se contextualiza e prolifera em diversos segmentos sociais e tem estimulado estudos sobre documentos de cartórios, acervos de museus temáticos, arquitetura de casas antigas em fazendas e centros urbanos, culinária, festas e diversos eventos relacionados ao folclore tropeiro. Essas iniciativas constituem fatos que renovam o apreço pela diversidade étnico-cultural e o reconhecimento da identidade social, as quais se integram às atividades da área da Educação, Turismo e Arte, estimulando assim a pesquisa científica e informações sobre o movimento tropeirista e a formação dos povoados e conseqüente cidades ao longo do caminho.

Atualmente os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, cujas matas e campos, constituíram um vasto corredor entre os pampas do Sul, região de criatórios e de rebanhos soltos de gado e o sudeste brasileiro, são visitados por pesquisadores, que se mobilizam objetivando desenvolver projetos culturais e turísticos que resgatem a importância desse ciclo na constituição social e econômica do Brasil.

Muitos projetos vêm sendo desenvolvidos e dentre tantos, destacam-se, mais recentemente, o projeto de Carlos Roberto Solera, que firmou o Convênio entre a Ong NATA e a Universidade de Girona, na Espanha, para o reconhecimento junto a UNESCO do tropeiro brasileiro como patrimônio da humanidade, o que prevê para o Paraná e outros Estados perspectivas de desenvolvimento sócio-econômico e cultural. Destaca-se também, associado à proposta de Solera, o projeto de resgate histórico-cultural através da música regional e workshops de Silvestre Alves Gomes, proposta bem aceita pelas pousadas rurais do Caminho das Tropas e pela Secretaria de Educação, do Estado do Paraná, ambos citados na edição de 25 de agosto de 2010 pelo jornal Correio Lageano editado na cidade de Lages - SC.

Portanto, para uma aproximação e incursão nesse universo vivenciado, discute-se, se o movimento tropeirista pode ser considerado como uma configuração social dentro do processo civilizatório no Paraná. Nesse sentido citamos os estudos de Norbert Elias, Ruy Christovam Wachowicz, Francisco Lothar Paulo Lange e Carlos Roberto Solera, cujos estudos são relevantes para o pretendido. Os escritos destes autores trazem contornos extremamente apropriados para o tipo de análise que se pretende, principalmente se tratando de um dos movimentos mais importante que se fez presente na historiografia brasileira, denominado de Caminho das Tropas – de Viamão-RS a Sorocaba-SP.

Com o foco da investigação centrado em problemas sociais igualmente encontráveis numa grande variedade de unidades maiores e diferenciadas, Elias possibilita o entendimento

com profundidade dos aspectos configuracionais existentes no seio da sociedade e em especial do nosso objeto de estudo.

Elias, ao discorrer sobre a composição social, utilizando o cenário da sociedade de corte, durante o reinado de Luiz XIV, destaca que “o nexos dos fenômenos singulares permanece, em larga escala, a cargo das interpretações arbitrárias e, muitas vezes, de especulações” (2001, p. 30) como é o caso do movimento tropeirista no estado do Paraná. Neste sentido a busca por estabelecer parâmetros históricos - sociológicos na análise deste movimento se torna interessante. A configuração social específica do tropeiro se fez presente em uma determinada época na história da sociedade paranaense, constituindo-se um campo fértil de investigação.

Assim, com o foco centrado no movimento tropeiro, enquanto processo civilizatório de uma região, caso do estado do Paraná, estabeleceu a questão norteadora deste estudo, a qual baseada em uma pesquisa exploratória de cunho documental e bibliográfica buscou-se analisar este fato, para considerar a configuração social dentro do processo civilizatório no Paraná.

OS CAMINHOS TROPEIRISTA NO ESTADO DO PARANÁ

Adentrando o universo da análise do movimento tropeirista no estado do Paraná, Elias, defende a existência da sociedade e do indivíduo como indissociáveis. Nesse sentido, ao refletir sobre as estruturas e processos que se fazem presentes no contexto social demonstra a natureza fundamental dos seus mecanismos, ao detalhar:

A fim de entender estruturas e processos sociais, nunca é suficiente estudar um único estrato funcional no campo social. Para serem realmente entendidas, essas estruturas e processo exigem um estudo das relações entre os diferentes estratos funcionais que convivem juntos no campo social e que, com a mais rápida ou mais lenta mudança nas relações de poder provocada por uma estrutura específica desse campo, são no curso do tempo reproduzidas sucessivas vezes. (1993 : 239)

A fim de destacar mais sobre estas estruturas e processos sociais, enfatiza:

Da mesma forma que em todo estudo psicogenético é necessário levar em conta não só as funções "inconscientes" e "conscientes", mas a contínua circulação de impulsos entre umas e outras, igualmente é importante, em todos os estudos sociogenéticos, levar em conta desde o princípio toda a configuração do campo social, que é mais ou menos diferenciado e carregado de tensões. E só é possível fazer isso porque o tecido social e sua mudança histórica não são caóticos, mas possuem, mesmo numa fase de agitação e desordem, um claro padrão e estrutura. (1993 : 239)

Com as colocações feitas por Elias, entendemos que o movimento tropeirista no Paraná merece receber estudo profundo, para que se esclareça a evolução histórica, as circunstâncias e as várias formas de ligação e de associações de como esse movimento se fizeram presente na história da humanidade. O modelo Elisiano de análise, por sua própria natureza, encontra espaço que suscita uma complexa relação entre os tropeiros e as comunidades que os recebiam.

Neste sentido Frasson, Pietrochinski e Schulmeister, trazem contornos apropriados para o tipo de análise pretendida ao declararem: “o irrevogável entrelaçamento dos atos, necessidades, idéias e impulsos de muitas pessoas dá origem a estruturas e transformações estruturais numa ordem e direção específicas que não são simplesmente ‘animais’, ‘naturais’ ou ‘espirituais’, nem tampouco ‘racionais ou ‘irracionais’, mas sociais.” (2008, p.6).

Após estas reflexões em torno destes determinantes, temos que o tropeirismo tem a sua origem vinculada com a abertura das primeiras trilhas abertas por nativos que percorriam longas distâncias por conta de características nômades, crenças e inter-relações tribais. Entre essas trilhas, destacam-se o caminho do Peabiru – caminho transcontinental de sentido longitudinal e o caminho de Itupava – acesso que ainda, de forma precária, ligava o litoral aos campos do primeiro planalto paranaense, vasta região onde se desenvolveu a capital paranaense – Curitiba.

O Caminho do Viamão, no Paraná, trouxe novas perspectivas para a vila de Curitiba, uma vez que no século XVIII esse povoado tinha um precário acesso para o litoral e outro para São Paulo. E por meio deste, exportava o gado vacum de suas fazendas, sob forma de mercadoria semovente. Embora Curitiba já disponibilizasse desse acesso a São Paulo, veio a beneficiar-se com a implantação do Caminho do Viamão, com maiores possibilidades de negócios – trocas, comércio e aluguel de internadas para tropas vindas do sul.

Os campos de Curitiba, que nesse tempo englobava os atuais Campos Gerais, beneficiaram-se com a necessidade de invernção das tropas que ali chegavam exaustas e debilitadas pelas inúmeras e longas jornadas. Nesses campos, muitos donos de fazendas destinaram as vastas pastagens para as internações, deixando para segundo plano a criação de bovinos para abate. Nessa região, muitos fazendeiros passaram a ser tropeiros, por conta do rentável negócio (LANGE, 1998, p.34).

O caminho traçado no espaço geográfico do Paraná ocorreu principalmente, pela necessidade de viabilizar o deslocamento por terra das tropas, principalmente, do sul do Brasil para as regiões que se desenvolviam rapidamente – São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais - em virtude de que os caminhos primitivos não perfaziam um traçado satisfatório. Outro fator que merece destaque, com relação a Minas Gerais, é que a mineração e seu conseqüente escoamento para as casas de fundição e para os portos, impôs uma demanda de transporte mais eficiente em relação à mão de obra humana, constituída de escravos, negros, índios e caboclos contratados. Esta foi uma das razões pelas quais os muares passaram a ser o principal meio de transporte no território brasileiro, a partir das primeiras grandes tropeadas vindas do sul.

Além disso, o Caminho do Viamão, por concessão da coroa portuguesa a fidalgos de confiança, constituía um importante meio de arrecadação fiscal, possuía vários postos de cobrança de taxas, conhecidos por Registros. Na região hoje compreendida pelo Estado do Paraná havia os registros no Rio Negro e no Rio Iguaçu. Havia também nos postos um destacamento de guardas da coroa, para fiscalizar e coibir tráfico de tropas por desvios que propiciassem o não pagamento das taxas. O interesse da coroa era tanto na movimentação das tropas, que chegou a orientar a guarda dos registros a impedir o trânsito de animais reprodutores de muares que viessem constituir criatório em outros estados brasileiros. O fluxo, nesses caminhos, acontecia em dois sentidos: no sentido norte, trafegavam incontáveis e numerosas tropas de gado muar, cavalar e vacum. Mas a demanda de mercadorias e outras necessidades dos povoados que surgiam ao longo do caminho, faziam com que os tropeiros aumentassem o vai-e-vem no caminho tropeiro.

Solera (2010), demonstra que além do interesse econômico, fazia-se também presente o interesse militar. Esse caminho ligando São Paulo ao sul da América Latina propiciava o deslocamento de tropas militares às regiões do Rio da Prata, a fim de agir defensivamente às incursões espanholas nos espaços ocupados por portugueses a oeste do Tratado de Tordesilhas, que definia latitudinalmente domínios espanhóis e portugueses na América Latina.

Com o Caminho do Viamão o transporte de mercadorias deixou de ser exclusivo da rota marítima Laguna – Santos e Laguna – Rio de Janeiro, e assim se estabeleceu a principal rota terrestre ligando os criatórios do Sul com as demais regiões consumidoras do Brasil.

Lange (1998, p. 33), traz a informação de que no pouso chamado Ponta Grossa, considerado como de convergência de caminhos tropeiros e em conseqüência da importância estratégica e topográfica teriam passado, até o ano de 1860, aproximadamente 2.729.000 animais com destino a Sorocaba.

Elias ao discorrer sobre os sistemas rodoviários, como um processo de integração conduz para uma reflexão de que as trilhas construídas neste período da história traz em seu repertório o primeiro passo de um processo civilizador no estado do Paraná. Esta afirmativa reside no fato de que o Caminho de Viamão foi à principal rota de comunicação, transporte e integração nacional. Esta rota estabeleceu a ligação entre a Colônia Sacramento, localizada no atual Uruguai à Sorocaba-SP, integrando, de sobremaneira, todo o sul da América Latina.

Neste sentido ao pautar nos escritos de Elias, “temos que examinar a rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade, a fim de identificar as compulsões que as conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares.” (1993, p. 38). Além dessa sua afirmativa destaca também “compreender o processo civilizador, é de suma importância formar uma clara e vivida concepção desses processos sociais, do que se quer dizer com ‘economia de troca’, doméstica, de escambo’, economia monetária [...], e assim por diante.” (1993, p.34).

Assim, ao analisar o complexo processo civilizatório advindo do movimento tropeirista ensejado no Paraná entende-se que, à medida que este movimento se consolidava, os povoados iam lentamente se constituindo e a economia local passava a ter como seu principal foco este movimento.

AS CIDADES PARANANENSES

Em virtude do fluxo freqüente do deslocamento de tropas foram instituídos diversos locais de pouso. Locais estes que foram sendo criados quer seja para descanso, para engorda do gado (invernada), ou mesmo para esperar que as águas dos rios baixassem visando a travessia segura do mesmo pela tropa. Este tempo de espera não era pré-determinado, visto que dependia em muito do que se apresentava, em decorrência do estado nutricional da tropa, das condições físicas do tropeiro e das condições do tempo as enchentes representavam grande risco para travessias de rios.

Essas circunstâncias poderiam determinar invernações de 4 até 6 meses, se não mais. Foram essas necessidades que fizeram com que os tropeiros se fixassem nesses pousos. Assim nasciam os povoados ao longo da rota dos tropeiros no estado do Paraná, e que veio marcar profundamente a história da construção do “nós” paranaense, influenciando significativamente nos costumes e nas tradições, incitando um código de comportamento.

Em relação a constituição do “nós” Elias oportuniza uma inteligibilidades para o caráter singular da relação entre indivíduo e sociedade ao destaca que “a família ampliada e a aldeia nativa são os pontos focais mais antigos da identidade “nós” pessoal dos indivíduos” (1994, p. 147).

Com este entendimento, Frasson, destaca que a mesma conduz “para uma diversidade de recortes para estudos, é possível entender que ela existe porque existe, em seu redor, uma teia de interdependências composta por um grande número de pessoas. E ela só continua acontecer porque as pessoas isoladamente ou em conjunto querem e fazem acontecer” (2003. p.3).

Neste sentido apesar de não podemos nos basear em modelos hipotéticos é possível contextualizar que os tropeiros ao aportarem nos pousos, vilas transformaram-se nos pontos focais mais antigos do processo civilizador durante um período de transição na constituição do estado paranaense. Essa peculiaridade entre tropeiros e povoados de antigamente, no território paranaense, transformaram-se em cidades, que ainda guardam em suas memórias este movimento civilizatório no estado do Paraná. Essa assistência compreendia, muitas vezes um rancho para abrigo, alimento e piquete alugado para invernação da tropa, este, negociado com o dono da sesmaria, determinando uma inter-relação determinou o comércio e por conseqüência, vilas e cidades.

As distâncias entre uma e outra cidade perfaz 5 a 6 léguas, ou seja aproximadamente 36 km, o que correspondia para esse terreno, um dia de caminhada da tropa. O que se percebe é que

cada pouso originou uma vila, uma cidade nos Campos Gerais do Paraná, assim como em outras regiões ou Estados, por onde as tropas passaram. Entre as atuais cidades que tiveram sua origem no movimento civilizatório emanado pelos tropeiros, temos: **Rio Negro; Campo do Tenente; Lapa; Balsa Nova; Palmeira; Ponta Grossa; Castro; Pirai do Sul; Jaguariaiva, Sengés.**

Assim ao apresentar estas cidades, instadas a partir de pousos de tropeiros, com o tema proposto podemos contextualizar que o movimento tropeirista em maior ou menor envolvimento ajudou a moldar a constituição organizacional destas cidades.

O PROCESSO CIVILIZATÓRIO NO ESTADO DO PARANÁ

Há de se considerar que o tropeiro, além de sua atividade normal de conduzir a tropa, era um comerciante, pois, no transcorrer de sua jornada, comprava e vendia animais e outras mercadorias. Foi propagador de notícias, causos e costumes, emissário e agente cultural, levou recados e receitas, contava novidades para aqueles que habitavam em lugares isolados. Era respeitado e considerado sabedor. O tropeiro com sua forma lendária e peculiar foi personagem que fez integração.

Elias (1993) ao discorrer sobre o processo civilizatório da humanidade oferece um ensaio clássico no qual demonstra que as ações ensejadas pelos indivíduos são históricas e conseqüentemente sociais. A premissa aventada demonstra que a similaridade estrutural, em relação ao processo civilizatório pode ser visto através das diversas formas de vivência. Defende a existência da sociedade e do indivíduo como indissociáveis. Justamente por isso, o irrevogável entrelaçamento dos atos, necessidades, idéias e impulsos de muitas pessoas dá origem a estruturas e transformações estruturais numa ordem e direção específicas que não são simplesmente ‘animais’, ‘naturais’ ou ‘espirituais’, nem tampouco ‘racionais ou ‘irracionais’, mas sociais.

A forte influencia tropeira, considerada como um processo civilizador, nas terras paranaenses é notada com grande ênfase no linguajar popular, em que grande número de expressões ficaram integradas na cultura que se difundiu, tornando-se de uso corrente, das quais se destacam:

Bruaca – Utensílio de couro cru, usado para acondicionamento de mercadorias e outros produtos que os tropeiros transportavam e que vinha suspenso à cangalha da mula cargueira.

Dar com os burros n’água – Sofrer um revés. Situação em que o tropeiro deparava-se com o rio cheio e não era conveniente transpô-lo, sob grande risco de perder muitos animais, tendo portanto, que esperar um tempo para fazer a travessia com melhores condições, ou encarar o risco.

Cor de burro quando foge – Refere-se a um tom da cor marrom que lembra o couro desbotado pela exposição às intempéries. Essa expressão, segundo relatos, originalmente era: “cor de burro com alforje”, que eram sacos de couro com abertura no meio, colocado sobre o lombo dos animais, equilibrando o peso das mercadorias, igualmente para os dois lados.

Empacar – O luar, que tem uma capacidade de percepção muito aguçada, ao perceber qualquer perigo ou situação desfavorável, pára. E só prossegue se lhe convier.

Forte pra burro – Referência à capacidade de carga e resistência do luar.

Enfiar o pé na jaca – Referência a uma situação vexatória, uma tremenda gafe. Originalmente a expressão referia-se ao tropeiro, que passando por um povoado, deixava-se ficar em uma venda,

embriagando-se. Ao montar sua mula para prosseguir viagem, tendo perdido sua habilidade com a embriaguez, ao tentar colocar o pé direito no estribo, enfiava o pé no jacá, que era o cesto de transportar mercadorias.

Na alimentação, os costumes tropeiros são muito difundidos, como o consumo do feijão tropeiro (ainda que com outras denominações e variações), café tropeiro, charque, paçoca, consumo de farinha de mandioca ou farinha de milho, chimarra – muitos desses hábitos alimentares aprendidos com os indígenas.

Outros sinais da influência tropeira no Paraná são alguns costumes que tanto provêm de São Paulo como do Rio Grande do Sul, mas que desde o princípio do ciclo das tropas já vinham sendo mesclados e incorporados pelas populações que foram se formando ao longo das rotas tropeiras, tais como: ritmos (toadas, catira, cururu, xotes, milongas, vaneiras, guarânicas, chamamés) e temas de canções, vestes apropriadas à lida campeira (botas de couro e cano alto, chapéus de palha e de feltro, capas e palas, bombachas), sotaques e variantes de linguagem, e outros, que os tropeiros faziam difundir por onde passavam.

No folclore paranaense, há grandes manifestações místicas, credices e lendas ou “causos” oriundos do período do tropeirismo, como aparições da Virgem Maria, do Monge João Maria, causos de assombrações e de tesouros enterrados, sem falar nos conhecimentos ainda hoje difundidos da “medicina tropeira”, como benzimentos, simpatias, emprego de ervas medicinais tratamentos com sangria e outros procedimentos.

Essas e outras influências tropeiras como códigos de honra, em que se destacam atitudes como não entrar na casa alheia pela porta dos fundos, nunca deixar porteira aberta ao passar, deixar lenha seca no pouso para uso da próxima tropa, honrar a palavra dada, associadas às que foram acrescentadas pelos imigrantes se faziam presente neste processo.

Ao ter Elias como interlocutor para este estudo, foi utilizado seu questionamento sobre os ditames do processo civilizador:

Pode-se realmente imaginar que o processo civilizador [aqui acrescenta-se – o movimento tropeirista no Paraná] tenha sido posto em movimento por pessoas dotadas de uma tal perspectiva a longo prazo, de um tal controle específico de todos os afetos de curto prazo, já que essa perspectiva a longo prazo e esse autodomínio pressupõem um longo processo civilizador? (1993, p. 193).

No nível dos organismos estruturais deste questionamento, temos que o movimento ocorreu de uma maneira natural, e o processo se fez por conta da natureza dos caminhos pré-existentes e posteriormente abertos, em função da topografia e dos campos de inverno que se faziam presentes em determinadas regiões. Fato este que não resulta em uma idéia pré-concebida de forma estrutural e planejada ao longo dos tempos.

Outro fato, aventado por Elias, refere-se “como pode acontecer que surjam no mundo humano formações sociais que nenhum ser isolado planejou e que, ainda assim, são tudo menos formações de nuvens, sem estabilidade ou estrutura?” (1993, p. 194). O estudo precedente sobre o movimento tropeirista, em especial sobre a formação social dá uma resposta para este questionamento. A necessidade de compra e venda de produtos e animais instados pelos mercados econômicos que estavam se estabelecendo nos centros urbanos – caso da cidade de Sorocaba – SP, oportunizou este sistema de intercâmbio, entrelaçando interesses mútuos de interdependência entre o tropeiro e os mercados consumidores.

A estrutura econômica preconizada por este movimento criou espaços sociais diferenciados “com sua polarização extrema, suas incertezas contínuas, corresponde a estrutura dos indivíduos que a formam e o modo como se comportam” (1993, p. 199). A presença dos tropeiros nos pousos fez surgir um novo tipo de relacionamento que veio reformular as relações sociais existentes. Foi a do sistema comercial configurando-se em um novo espaço para atender as necessidades dos tropeiros, tais como curtumes, armazéns, ferrarias, compradores de couro,

que de uma forma ou outra foram incluídos nesta formação. As populações locais, formaram um sistema social ao redor das pequenas vilas.

Ao concluir, é possível observar que o movimento tropeirista não foi somente uma alternativa de transporte ou o ciclo econômico e social, teve uma relação direta como o processo civilizatório do estado do Paraná. O Caminho do Viamão é um caminho-tronco que integra diversas ramificações que se estabeleceram para atender à necessidade de transporte de mercadorias, como alimentos, ferramentas, utensílios domésticos, roupas e toda sorte de objetos de uso pessoal, de povoados que se instalavam nos sertões dos Estados por ele cortados. Por esses caminhos, os tropeiros levavam e traziam informações e esperança para aqueles que, na condição de desbravadores de uma terra em disputa, em razão da atividade tropeira, nesses sertões fixaram residência, desafiando a própria sorte, e consciente ou inconscientemente contribuíram para o estabelecimento dos centros urbanos atuais, latifúndios ou minifúndios. Constituindo uma mudança na conduta e dos sentimentos humano das pessoas que se faz presente até nos dias atuais.

O que empresta ao movimento tropeirista seu caráter especial e excepcional é o fato de que a ações ensejadas, quer seja priorizada pelo fator econômico ou pelo fator cultural atingiu um nível de solidez e de interdependência na população paranaense. Os quilômetros percorridos, as lutas travadas contra a natureza, as dificuldades impostas pelas matas e vales, o distanciamento familiar, enfim, as interdependências e dependências impostas pelo caminho constitui uma peculiaridade *sui-generis*, como mecanismo social diferenciado na história do processo civilizador do Paraná.

REFERENCIAS

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Lisboa : Editorial Estampa, 1987.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Introdução a sociologia**. Lisboa : Edições 70, 1969.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador** : formação do estado e civilização. Tradução de Ruy Jurgman. 2 ed., Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993. 2 v.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador** : uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jurgman. 2 ed., Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994. 1 v.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders** : sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro : Zahar, 2000.

FRASSON, Antonio Carlos. Atores sociais das ruas : esporte zero hora. In: XV Simpósio de Educação Física e Desportos do Sul do Brasil, 2003. Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa, 2003. P.74-79.

FRASSON, Antonio Carlos; PIETROCHINSKI, Andrea; SCHULMEISTER, Clarice. Auditory Deficient People: His Educative and Social Inclusion by Norbert Elias. In: Simpósio Internacional Proceso Civilizador, 11., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires:, 2008. p. 182-191.

<http://historia.abril.com.br/cotidiano/tropeirismo-lombo-mula-434335.shtml>

<http://www.explorevale.com.br/rotadostropeiros/index.php>

<http://www.rotadostropeiros.com.br/index.php>

LANGE, Francisco Lothar Paulo. **Os Campos Gerais e sua Princesa**. Curitiba: Gráfica Capital. 1998.

LOPES, José Carlos Veiga. **Aconteceu nos Pinhais**. Curitiba : Progressiva, 2007.

MUNFORD, Lewis. **A cultura das cidades**. Belo Horizonte : Itatiaia, 1961.

SOLERA, Carlos Roberto. **O Alvorecer do Purunã**: Diários de um imortal em viagens pela História. Curitiba: Nouvelle, 2010.

WACHOWICZ, Ruy Christowam. **História do Paraná**. Curitiba: 1995